

## **Diretrizes comentadas do Protocolo de impacto qualitativo (QuIP)**

O presente documento é uma versão comentada da versão integral das Diretrizes, disponível no livro "Attributing Development Impact" (consulte [www.bathcdr.org](http://www.bathcdr.org) para ter acesso à versão integral). Esta versão mais curta foi concebida para ser mais acessível aos colaboradores da MEL cujo idioma materno não é o inglês, e está disponível em vários idiomas.

O Protocolo de impacto qualitativo (QuIP – Qualitative Impact Protocol) foi desenvolvido na Universidade de Bath, no Reino Unido, com o objetivo de enfrentar o desafio que é a avaliação do impacto das intervenções em contextos complexos e/ou em rápida mudança de uma forma plausível, oportuna e eficaz em termos de custos. O QuIP baseia-se nas evidências das motivações causais de mudança obtida por meio de entrevistas aprofundadas com entrevistados selecionados cujas histórias possam ser relevantes para a teoria da mudança que está sendo testada. Foi concebido especialmente para reduzir potenciais desvios de resposta e enfrentar os desafios associados à análise e apresentação de dados qualitativos desse tipo.

Estas diretrizes têm como objetivo disponibilizar uma introdução detalhada a quem estiver planejando realizar um estudo QuIP. No entanto, recomendamos que sejam consultados outros recursos e informações educacionais disponíveis em [www.bathcdr.org](http://www.bathcdr.org).

### **A. Descrição geral do QuIP**

Os indivíduos e as agências empenhados em ações com objetivos sociais e de desenvolvimento necessitam de evidências que confirmem seu sucesso na concretização daquilo a que se propuseram fazer. Essas ações podem ser designadas de muitas formas: bolsas, investimentos, intervenções, projetos ou programas. Por uma questão de conveniência, utilizaremos o termo "projeto" quando nos referirmos a qualquer uma dessas ações. Seja qual for o caso, os agentes necessitam de evidências que os ajudem a decidir se irão continuar, expandir ou alterar o que estão fazendo. Necessitam também de informar as pessoas com quem trabalham, incluindo as pessoas que são o foco dessas ações e aquelas que estão ajudando a financiá-las.

Em situações caracterizadas pela sua diversidade, complexidade e rápida mutação, não é óbvia a melhor forma de obter essas evidências, e isso depende, em certa medida, do motivo pelo qual tais evidências são tão necessárias. Será sobretudo para demonstrar que ações desenvolvidas no passado funcionaram, identificar formas específicas de melhorar atividades em curso ou para refletir sobre a missão e visão subjacentes a uma organização? Será mais importante quantificar a magnitude do impacto ou explicar o motivo pelo qual variou de pessoa para pessoa ou de lugar para lugar? Até que ponto as evidências têm que ser plausíveis e qual o nível de gastos pode ser considerado justificável? Há muitas formas diferentes de responder a essas questões. Seus pontos fortes e fracos variam em função do contexto, e não existe um método ou uma abordagem que seja superior a todos os outros em todas as circunstâncias.

As formas de avaliar quantitativamente o impacto podem ser rigorosas e precisas, mas apresentam vários problemas: podem ser dispendiosas, lentas, enfatizar efeitos que correspondem à média e indicar relativamente pouco sobre a forma como as alterações têm lugar. O QuIP analisa o impacto do ponto de vista das pessoas que se encontram no terreno e daquilo que consideram mais importante. É bom para compreender o impacto de forma contextualizada e inclui uma explicação das variações desse impacto e da contribuição de uma intervenção em situações complexas e em mutação.

O principal objetivo do QuIP é comprovar efetivamente se os efeitos sociais que uma atividade planejada ou um conjunto de atividades planejadas causam nos beneficiários visados são os previstos, ou se estão gerando consequências imprevistas. Também pode ajudar a compreender melhor outros fatores que estejam afetando mudanças esperadas (ou até mesmo inesperadas) ou evidenciando variações registradas em um determinado grupo em termos das mudanças experimentadas e da percepção dos motivadores causais dessas mudanças. O QuIP é versátil: pode ser utilizado de forma relativamente restrita para confirmar se uma intervenção específica está funcionando conforme o previsto (por exemplo, conforme estabelecido na teoria da mudança de um projeto), mas também pode ser utilizado para explorar o que está impulsionando a mudança como parte do compromisso mais amplo de uma organização para refletir sobre suas prioridades, estratégias e atividades. No entanto, em geral, não é muito útil para capturar a magnitude das mudanças. Por esse motivo, algumas pessoas poderão considerá-lo uma forma de avaliar a contribuição do impacto e não sua atribuição. O QuIP pode, contudo, auxiliar de forma útil na estimativa da magnitude dos possíveis impactos quando utilizado em combinação com outros métodos.

Ao contrário dos métodos quantitativos, o QuIP propõe-se a gerar evidências de impacto caso a caso com base em declarações causais narrativas provindas diretamente dos beneficiários visados pelo projeto, sem a necessidade de entrevistar um grupo de controle. Procura-se obter uma evidência da atribuição através dos testemunhos dos próprios entrevistados acerca dos mecanismos causais. Isso contrasta com métodos que dependem da inferência estatística baseada na exposição variável a uma intervenção.

Existem fortes razões éticas para perguntar diretamente às pessoas visadas qual efeito das ações que se destinam a beneficiá-las, mas fazer isso implica encontrar formas plausíveis de lidar com possíveis desvios nas respostas. O QuIP faz isso de modo que a recolha de dados qualitativos seja feita com o mínimo de referência possível à atividade específica que está a sendo avaliada e dando uma ponderação equitativa a todos os possíveis motivadores de mudança nos possíveis domínios de impacto. Isso pode ser obtido trabalhando com pesquisadores que sejam totalmente independentes da organização responsável pelas ações que estão sendo avaliadas. Na verdade, sempre que possível, deve-se ocultar aos pesquisadores a identidade da organização que está sendo avaliada, os detalhes da implementação do projeto e a teoria da mudança subjacente a essas ações. A evidência recolhida junto dos entrevistados assume a forma de "histórias" acerca de motivadores causais de mudança em áreas selecionadas das suas vidas. Outro pesquisador, o analista (a quem essas informações não foram ocultadas), analisa essas declarações usando uma abordagem padronizada para codificar conexões causais na narrativa, evidenciando se as razões referidas para a mudança confirmam ou minam, explícita ou implicitamente, a teoria causal que sustenta a intervenção (ou se são completamente acidentais em relação a ela). Sempre que possível, essa análise pode ser comparada com as mudanças observadas e os dados de monitorização das atividades do projeto, ajudando a construir uma imagem mais detalhada do que realmente mudou e porquê.

Outra potencial limitação da evidência de impacto autorrelatada é o fato de se restringir ao que os entrevistados realmente sabem e ao que consideram mais importante. A utilização do QuIP não depende de acreditar que os entrevistados são oniscientes, mas que suas experiências e opiniões são perspicazes e importantes. Pode ser utilizado juntamente com outras formas de evidência para identificar importantes lacunas cognitivas entre diferentes agentes. Por exemplo, se a equipe que está trabalhando no projeto e os beneficiários visados tiverem percepções muito contrastantes, é provável que seja útil saber disso.

Quando se planeja um estudo QuIP, existem vários elementos diferentes que podem ser alterados na metodologia, a fim de cumprir os requisitos específicos do projeto que está sendo avaliado. Por que um estudo QuIP está sendo considerado, por quem e de que forma será utilizada a evidência resultante, em conjunto com as informações provenientes de outras fontes? Isso terá influência sobre que outros dados poderão vir a ser necessários, sobre a forma como as estratégias de temporização e amostragem serão sobrepostas e sobre quem estará envolvido em cada fase. A próxima seção leva em consideração essas questões e a forma como deve ser planejado um estudo QuIP.

## **B. Planejamento e concepção de um estudo QuIP**

### **B1. Usar um QuIP ou não usar um QuIP?**

O QuIP oferece uma solução para o desafio da atribuição. No entanto, não é apropriado a todas as situações, sendo frequentemente mais eficaz quando combinado com outros métodos para gerar toda a evidência que possa ser esperada de uma avaliação. É importante fazer uma gestão das expectativas de todos os envolvidos no que diz respeito ao seu potencial de acrescentar valor e também no que diz respeito às suas limitações.

O que o QuIP **possibilita**:

- Obter informações quanto às *percepções* de mudança dos beneficiários visados, bem como sua compreensão do motivo pelo qual essas mudanças ocorreram.
- Esclarecer as fontes e as razões da variação da mudança no seio da população dos beneficiários visados.
- Auxiliar na confirmação ou refutação da teoria (da mudança) subjacente a um projeto no que diz respeito a beneficiários visados específicos e áreas de amostragem.
- Gerar esse tipo de dados de forma mais confiável, reduzindo o risco de desvios pró-projeto através da incorporação de um nível de ocultação apropriado.
- Utilizar um questionário qualitativo desenvolvido com o encarregado para explorar as mudanças percebidas em toda uma variedade de domínios de meios de subsistência e bem-estar.
- Empregar pesquisadores locais experientes e qualificados que conduzam entrevistas com os beneficiários visados no idioma local apropriado.
- Codificar e analisar os dados das entrevistas de forma transparente, sistemática e rigorosa, utilizando uma codificação temática flexível (para identificar os diferentes motivadores de mudança e resultados e o grau em que eles podem ser atribuídos ao projeto).
- Capacitar e incentivar os usuários a consultar os dados do texto original, fornecendo um anexo anotado de todos os dados de entrevista codificados e/ou acesso digital a eles através de um painel.
- Gerar dados que possam ser utilizados em uma ampla variedade de reuniões com as partes interessadas e de "sensemaking" (produção de sentido), incluindo o pessoal que está trabalhando no projeto e com os beneficiários visados.

**O que o QuIP não possibilita:**

- Fornecer resultados que sejam estatisticamente representativos de todos os beneficiários visados. Os estudos QuIP são concebidos para obter uma visão mais aprofundada das mudanças que ocorrem em comunidades ou subgrupos intencionalmente selecionados e para permitir uma generalização cautelosa em uma população mais vasta.
- Garantir respostas a perguntas muito específicas sobre o impacto de certas atividades do projeto. Se a atividade for considerada importante pelos entrevistados em um domínio de bem-estar abordado na entrevista (e não simplesmente considerada um dado adquirido), o QuIP deverá detectar referências espontâneas a esses motivadores relacionados com o projeto. No entanto, se as atividades do projeto forem relativamente acessórias na vida dos entrevistados, será então necessárias perguntas mais diretas e específicas. Contudo, conseguir uma melhor compreensão do contexto mais amplo de mudança (incluindo fatores que mitigam o sucesso ou o fracasso do projeto ou que contribuem para isso) pode continuar sendo útil.
- Medir a magnitude dos impactos ou fornecer dados quantitativos detalhados. O QuIP está mais centrado na natureza do impacto do que na sua magnitude. Algumas quantificações de motivadores de mudança e de resultados podem ser geradas para resumir e visualizar padrões e temas em toda a amostra, apesar de os dados não serem estatisticamente representativos. Podem ser úteis para dar forma a modelos que possam simular a magnitude da mudança, mas serão necessários outros dados para calibrar esses modelos.
- Classificar ou ponderar o sucesso ou fracasso geral de um projeto. Embora a visualização de dados qualitativos codificados possa tornar a evidência mais fácil de compreender e permita destacar padrões e "outliers", os encarregados precisam estar preparados para interagir com os dados e, sempre que possível, fazer a triangulação com evidências de outras fontes para fazer uma avaliação geral do projeto e extrair recomendações para ações futuras.
- Promover diretamente uma abordagem mais participativa do desenvolvimento, embora as conclusões possam ser utilizadas para promover a reflexão e a aprendizagem entre os beneficiários visados, e alguns entrevistados tenham também relatado que as entrevistas e os grupos-alvo são oportunidades úteis e/ou agradáveis de autorreflexão.

**B2. Quem vai estar envolvido na realização do estudo?**

O **encarregado** é o consumidor principal das evidências que vão ser recolhidas e recai sobre ele a responsabilidade de decidir que tipo de evidências deseja, bem como quando, onde, como e porquê recolhê-las. Tem como principais responsabilidades a confirmação do âmbito do estudo, chegar a acordo quanto à estratégia de amostragem, fornecer a documentação relevante para o projeto de modo a permitir a seleção da amostra, supervisionar e apoiar a disseminação e o uso apropriados das conclusões, além de garantir que a interpretação dos dados do QuIP seja integrada nas evidências geradas de outras formas. Além dessa, existem mais três funções principais em um estudo QuIP:

- O **avaliador principal** é responsável por trabalhar com o encarregado, conceber e gerenciar o estudo, solicitar a recolha de dados a uma equipe de pesquisa em campo e supervisionar a análise e a realização de relatórios. A contratação de alguém exterior à organização para desempenhar essa função provavelmente fortalecerá a credibilidade da evidência produzida, mas essa função pode ser desempenhada por um colaborador da mesma organização que

esteja implementando o projeto, desde que não esteja diretamente envolvido sem sua gestão. Entre suas principais responsabilidades, inclui-se criar os questionários e a estratégia de amostragem, recrutar, formar e gerenciar pesquisadores, supervisionar a análise de dados (se não for o próprio a fazê-la) e produzir um relatório de síntese para ser utilizado junto das principais partes interessadas. O avaliador principal deverá estar familiarizado com os princípios da análise qualitativa de dados e também deve estar em posição de gerenciar a subcontratação dos pesquisadores de campo.

- O **pesquisador principal** desempenha uma função chave no processo do QuIP e é responsável pelo gerenciamento de todos os aspectos da coleta de dados. Normalmente, essa função é desempenhada por pesquisadores qualitativos experientes, originários do país onde se realiza a avaliação, com um histórico na realização de trabalho de campo de elevada qualidade e no recrutamento, formação e gestão de equipes de campo. Um compromisso de atingir o objetivo de permitir que as vozes autênticas dos beneficiários visados sejam ouvidas é também fundamental. As principais responsabilidades do pesquisador principal de campo incluem recrutar e gerir uma equipe experiente, assumir a responsabilidade pela obtenção do acesso à amostra pré-selecionada de entrevistados, garantir que os dados da entrevista tenham um padrão elevado e manter uma boa comunicação com o avaliador principal.
- O **analista** é responsável por codificar todas as entrevistas utilizando a abordagem do QuIP para efetuar uma análise temática qualitativa em software apropriado, analisar os dados codificados e extrair as principais conclusões para preparar a redação do relatório ou o debriefing com o avaliador principal. A função de analista pode ser combinada com a de avaliador principal. No entanto, uma vez que requerem competências muito diferentes e a análise pode ser bastante demorada, existem bons motivos para separar essas funções nos casos em que não seja possível combinar esse conjunto de competências com a disponibilidade, desde que seja possível garantir uma comunicação e colaboração eficazes. Um analista eficaz deve ser capaz de concentrar-se nos dados e identificar e expor afirmações causais e histórias de mudança, tanto positivas como negativas, que muitas vezes são complicadas. Espera-se do analista que extraia as principais conclusões dos dados, construa as tabelas e visualizações de dados relevantes e as apresente como base de um relatório QuIP.

### **B3. Quando deve ser realizado um QuIP?**

A decisão de quando agendar um QuIP depende da respectiva relação com o projeto que está sendo avaliado.

- Em uma fase inicial da concepção, como ferramenta de diagnóstico para identificar motivadores de mudança ou testar a teoria subjacente a um projeto proposto.
- No início de um projeto ou durante sua execução, como forma de aprofundar ou de comprovar efetivamente, para descobrir o que os beneficiários visados acham que está acontecendo, com tempo para corrigir o curso com base nas informações recolhidas junto, por exemplo, dos indivíduos que os dados de monitorização sugerem ser desviantes positivos e/ou negativos.
- Depois, ou no final, de um projeto, para dar forma à reflexão sobre o que correu bem e porquê (incluindo a relevância, suficiência e confiabilidade dos pressupostos e teorias que serviram de base ao projeto), mesmo quando não existe uma linha de base ou grupo de controle que ajude a fazer a avaliação do impacto através de comparações estatísticas.

#### **B4. Como selecionar uma amostra?**

Não existe um método universal de melhores práticas de seleção de casos para um estudo QuIP, uma vez que depende de muitos fatores contextuais. Os mais importantes são (a) o objetivo principal do estudo, incluindo seu papel na avaliação de uma teoria de mudança explícita, (b) a disponibilidade de dados relevantes sobre a variação das características dos que se espera que venham a ser os ganhadores e os perdedores do projeto, (c) a disponibilidade de dados relevantes sobre a variação em termos da sua exposição às atividades do projeto, (d) restrições de tempo e recursos, (e) quantidade de dados que um analista consegue gerenciar. Esta seção explora brevemente esses fatores e, em seguida, enuncia as decisões de amostragem necessárias antes de iniciar a recolha dos dados.

##### **(a) Objectivo principal do estudo**

Decidir quem entrevistar, quantas pessoas entrevistar e a melhor forma de selecioná-las exige clareza sobre que informações pretendemos obter, quem irá obtê-las e porquê. Se isso for negligenciado, não só resultará em uma prática de má qualidade como também em mal-entendidos acerca da qualidade do estudo. Por exemplo, o desvio da amostra não é um problema em um estudo QuIP que deliberadamente se propôs a identificar motivadores de resultados bem-sucedidos entrevistando desviantes positivos. Uma amostragem deliberadamente seletiva ou explicitamente enviesada é, neste caso, adequada ao fim definido.

Mais genericamente, as diferenças na estratégia de amostragem derivam do fato de a prioridade ser confirmar e quantificar o impacto global de um projeto concluído em uma população definida, relativamente a um conjunto de indicadores mensuráveis e uma teoria da mudança predeterminados, ou explorar o que está acontecendo de uma forma mais aberta, no intuito de melhorar a implementação de um projeto em curso, por exemplo. O QuIP é uma abordagem relativamente flexível e aberta. Tem como principal objetivo reunir evidências de processos causais em jogo, e não sua quantificação. Decidir qual será o número de entrevistas e de grupos-alvo a realizar depende menos de uma redução do desvio da amostra do que de avaliar até que ponto as informações extra sobre os processos causais que se obtêm através de mais dados têm poucas probabilidades de justificar o custo acrescido. Como referência, um QuIP padrão é constituído por 24 entrevistas domiciliares individuais e quatro discussões com grupos-alvo. Mas isso pode precisar ser ajustado por diferentes motivos, incluindo o tempo necessário para localizar os entrevistados. Por exemplo, é comum efetuar um "QuIP duplo", que duplique a recolha de dados, muitas vezes com o objetivo de obter subamostras contrastantes de dois segmentos da população.

##### **(b) Variação contextual**

A seleção aleatória de entrevistados em toda a população afetada pelo projeto é um bom ponto de partida quando se pensa na amostragem para um estudo QuIP, embora também existam bons motivos para que não seja utilizada. Por exemplo, se houver boas razões para esperar que o impacto varie em diferentes subgrupos, e já tivermos dados que nos permitam identificar esses subgrupos, existem bons motivos para efetuar uma estratificação da amostra. Um projeto pode abranger duas áreas com diferenças geográficas marcadas que justifiquem a inclusão de uma cota mínima de pessoas que vivam em cada uma delas (por exemplo, áreas urbanas e rurais, povoações

com irrigação e sem irrigação). Estratificar uma amostra com base nessas razões é uma arte que depende de considerar previamente quais os fatores contextuais que têm mais probabilidade de ser uma fonte de variação nos resultados do projeto. Nos casos em que os dados de monitoramento da linha de base e da linha final já foram recolhidos e analisados, existem mais possibilidades de seleção da amostra de QuIP. Por exemplo, podem ser selecionadas amostras de cotas de agregados familiares "desviantes positivos" que registaram melhorias rápidas nos indicadores-chave, a fim de descobrir mais sobre quais foram os motivadores do seu êxito. Por outro lado, há motivos para desviar deliberadamente a amostra para agregados familiares onde não se registou êxito, para perceber o motivo. Uma terceira opção é fazer ambos, para termos uma maior certeza de que estamos captando toda a diversidade de mudanças causais vivenciadas pelos agregados. Em alternativa, um QuIP duplo pode dividir a amostra em quatro grupos: mais rico e melhorando; mais rico, mas em declínio; mais pobre, mas melhorando; mais pobre e piorando. Em qualquer um dos casos, o número de entrevistas que vale a pena conduzir depende não apenas da minimização do erro de amostragem, mas também do benefício marginal (em termos de evidências extra dos principais motivadores de mudança) obtido com cada entrevista adicional.

### **(c) Variação da exposição ou do "tratamento"**

Refere-se à variação da forma como se espera que as atividades do projeto afetem diferentes pessoas, incluindo aquelas que recebem diferentes pacotes de bens e serviços. Além disso, existem aqueles que podem só ser afetados indiretamente: porque os vizinhos são afetados e podem compartilhar coisas com eles, por exemplo. Se houver dados disponíveis sobre a variação de quem recebeu diretamente o quê e quando, e se for esperado que essas diferenças tenham efeitos causais distintos, então poderá ser necessário estratificar a amostra para garantir que reflita um intervalo de exposição ao tratamento. A avaliação do impacto feita com o QuIP não requer um grupo de controle de pessoas completamente não afetadas pelo projeto. No entanto, pode-se argumentar que é necessário entrevistar algumas pessoas não afetadas pelo projeto (mas semelhantes às que o são), para apurar se elas se referem a motivadores de mudança diferentes ou adicionais.

### **(d) Restrições de tempo e recursos**

Uma terceira razão para não utilizar a aleatorização pura na seleção da amostra é a possibilidade de agrupar os entrevistados geograficamente a fim de reduzir o tempo e o custo da recolha de dados. Uma forma de fazer isso é adotando a amostragem aleatória em duas fases, sendo a primeira baseada em unidades geográficas (por exemplo, povoados, distritos ou áreas de recenseamento) listadas de acordo com qualquer critério conhecido que possa ser uma fonte importante de variação nos resultados do projeto (por exemplo, distância a que se está de uma estrada principal ou de um mercado; zonas agroecológicas). Uma localidade é depois selecionada aleatoriamente, sendo adicionadas mais localidades contabilizando X ao longo da lista, em que X corresponde ao número de localidades dividido pelo número desejado para a amostra. Por exemplo, se houver 40 povoados e cada uma tiver um número igual de beneficiários visados, e se tiver sido decidido utilizar na amostra quatro desses povoados, deverá ser selecionado um povoado de 10 em 10 utilizando um ponto de partida aleatório na lista. Na segunda fase, o procedimento é repetido, mas começando com uma lista de todos os agregados familiares com beneficiários visados em cada povoado selecionado.

Em última análise, as restrições orçamentárias (ditados por fatores aquém do controle do pesquisador principal ou mesmo do encarregado) também podem limitar o número total de entrevistas e de grupos-alvo que um estudo QuIP pode abranger. O desafio será, portanto, tomar decisões que maximizem o valor potencial, embora sujeitas a essa restrição. É menos preciso, mas não menos razoável, do que utilizar cálculos de potência para calcular o tamanho mínimo da amostra "necessário" para estimar o valor de um indicador-chave com um nível aceitável de relevância estatística.

#### **(e) Capacidade de absorção do analista**

Outro fator que influencia o tamanho e a seleção da amostra é o limite da quantidade de dados que um analista consegue analisar continuando a conseguir efetuar a codificação de forma abrangente, sistemática e inclusiva. Só um analista bastante competente e experiente conseguirá ir além de um QuIP duplo. Se, no entanto, se justificar uma amostra maior, podem ser realizados QuIPs em paralelo ou em sucessão, que serão depois analisados separadamente, com a possibilidade de os relatórios serem posteriormente submetidos a uma síntese ou a uma meta-análise.

Antes de decidir o critério a ser utilizado na seleção de casos, pode ser útil analisar as seguintes questões em equipe:

- É mais importante avaliar a experiência *típica* dos beneficiários visados ou concentrar-se na experiência diversa de grupos socioeconômicos mais restritos, ou de beneficiários expostos a "tratamentos" diferentes, ou que parecem, com base nos dados de monitoramento, estar particularmente melhor ou pior do que outros?
- A sobreposição com amostras usadas em outros estudos é útil? Ou é importante evitar beneficiários visados que já tenham sido entrevistados em outros estudos para evitar a dessensibilização causada pelas pesquisas?
- É útil recolher informações junto de indivíduos ou grupos que não eram beneficiários visados (por exemplo, que podem se beneficiar ou serem afetados de forma adversa indiretamente)?

#### **B5. Até que ponto é que os pesquisadores precisam ocultar informações?**

A ocultação, incluindo a dupla ocultação, pode ajudar a reduzir o risco de desvios pró-projeto e aumentar assim a credibilidade das conclusões. Mas até que ponto os pesquisadores em campo precisarão ocultar irá depender dos seus objetivos e do contexto do estudo.

- A dupla ocultação só é possível envolvendo terceiros para que a equipe de pesquisa em campo possa ser recrutada, treinada e apoiada sem conhecer a identidade da organização que está implementando o projeto ou encomendando o estudo.
- Pode ser mais apropriada uma ocultação parcial. Por exemplo, uma equipe de pesquisadores de confiança pode ser recrutada diretamente por um encarregado, mas sem que lhe seja disponibilizada informação sobre o projeto que está sendo avaliado.
- Sem a ocultação, uma equipe de pesquisadores de confiança pode obter informações mais detalhadas e relevantes sobre o projeto. A respectiva experiência profissional e integridade

podem ser mais do que suficientes para garantir que são imparciais e que não levarão os entrevistados a responder a perguntas de acordo com um entendimento e interesses pré-definidos.

- A ocultação poderá não ser necessária se for impraticável, antiético ou perigoso ocultar informações tanto aos entrevistadores como aos entrevistados. Ainda é possível nos concentrarmos mais na concepção de um questionário aberto e exploratório, posicionando o estudo em um contexto mais vasto e encorajando os entrevistados a ter como referência esse contexto mais vasto quando pensarem nos motivadores da mudança.

Qualquer pesquisa que envolva pessoas, seja como participantes, seja como entrevistados, deve ter como base princípios éticos. Ocultar informações dos entrevistados levanta questões éticas específicas que precisam ser avaliadas cuidadosamente antes de cada estudo. A ocultação não precisa ser completa ou permanente. Também é possível utilizar uma ocultação temporária como meio apropriado para atingir um fim benéfico. As organizações que encomendam estudos QuIP são encorajadas a incluir workshops de triangulação, feedback e "desocultação" para os quais tanto a equipe em campo quanto os entrevistados podem ser convidados depois de recolhidos e analisados os dados. As decisões sobre a quantidade exata de detalhes que serão ocultados e revelados podem ser tomadas na fase de concepção, juntamente com um acordo sobre os princípios e procedimentos éticos relativos à confidencialidade e ao anonimato.

#### **B6. Que formato as entrevistas assumem?**

O QuIP emprega dois instrumentos principais de recolha de dados: entrevistas semiestruturadas no nível do agregado familiar e entrevistas facilitadas em grupos-alvo. O questionário utilizado em ambas tem como base uma série de domínios de meios de subsistência e bem-estar concebidos de forma a abranger resultados especificados em uma teoria da mudança específica do projeto. Por exemplo, um projeto concebido para promover a subsistência da agricultura familiar, segurança alimentar e nutrição pode incluir domínios de:

- Produção alimentar
- Consumo alimentar
- Renda
- Gastos em dinheiro
- Relações dentro do agregado familiar
- Relações exteriores ao agregado familiar
- Bem-estar geral

As perguntas são elaboradas de forma a estimular a discussão de forma aberta, com listas de perguntas suplementares disponíveis para sustentar e aprofundar as conversas sobre as mudanças observadas pelo entrevistado e os motivos por trás delas. À discussão aberta de um domínio seguem-se perguntas fechadas, que são uma forma útil de encerrar a discussão desse domínio antes de passar ao próximo.

*Exemplo de perguntas relativas a um domínio sobre produção alimentar*

Pergunta aberta

- De que forma sua capacidade de produzir seus próprios alimentos, enquanto agregado familiar, mudou nos últimos dois anos, se é que mudou?

Perguntas suplementares

- *O que você mais produz?*
- *O que você menos produz?*
- *Em que estações houve mudanças maiores?*
- *Quais as razões para essas mudanças?*
- *Você começou a executar atividades novas para ajudar a produzir mais alimentos?*
- *Você deixou de fazer alguma coisa?*
- *Você está fazendo alguma coisa de forma diferente?*
- *Por quê?*

Pergunta fechada

- De um modo geral, durante esse período, de que forma a capacidade do seu agregado familiar produzir alimentos suficientes para as necessidades existentes foi alterada? [Melhorou, Não houve alterações, Piorou, Não tem certeza]

As entrevistas geralmente duram entre cerca de 60 e 90 minutos, portanto, deve ser dado tempo suficiente para que as equipes de pesquisa encontrem os entrevistados, se apresentem, façam as entrevistas e, de preferência, redijam observações no mesmo dia (a partir de gravações, sempre que possível, ou utilizando os serviços de um segundo anotador presente nas entrevistas).

## **B7. Análise e apresentação dos dados**

Um problema habitual na pesquisa qualitativa e na avaliação do impacto é saber como organizar e dar sentido a grandes quantidades de dados em texto, e fazê-lo de forma transparente, de modo que as generalizações deles extraídas possam ser revistas por pares. Essas foram as características motivadoras subjacentes à abordagem de análise de dados desenvolvida para dados do QUIP. O processo pode ser dividido em cinco etapas:

1. Familiarização com todos os dados, através da respectiva leitura e releitura
2. Atribuição de segmentos dos textos a diferentes códigos
3. Identificação de temas, histórias ou argumentos mais amplos, que possam combinar diferentes elementos codificados
4. Verificação desses temas e dos conjuntos de dados codificados que os suportam, comparando-os com os dados originais, em conjunto com a equipe que fez a encomenda
5. Relatar as conclusões a outras pessoas de forma plausível e direta, sem perder de vista a riqueza dos dados subjacentes

No entanto, esse processo só em raras situações é rigorosamente linear, servindo a etapa 5 como lembrete específico e importante de que o processo analítico é iterativo. Simultaneamente, o QuIP também envolve tarefas estruturadas de forma mais rígida, o que o distingue de formas ainda mais fluídas de fazer a análise temática em pesquisa social.

Uma das etapas mais mecânicas é a de analisar as perguntas fechadas sobre cada domínio. É fácil produzir automaticamente uma descrição geral desses resultados, conforme ilustrado abaixo. Isso permite que tanto o analista como os usuários do estudo fiquem com uma noção rápida de quem eram os entrevistados e qual era sua percepção da mudança, dentro de um período especificado, em todos os domínios. No entanto, mesmo esses dados podem ser apresentados e interpretados de muitas maneiras diferentes. Por exemplo, é possível revelar padrões ordenando a lista de acordo com diferentes características socioeconômicas (por exemplo, por idade, sexo, localização e/ou grupo de riqueza). Os dados também podem ser triangulados em relação às mudanças medidas utilizando dados de monitoramento quantitativos de linha de base e de linha final.

*Exemplo de tabulação automática das respostas às perguntas fechadas*

	Wealth Group	Home food production	Money from livestock	Money from other sources	Quantity of food	Variety of diet	Purchasing power	Value of assets	Health of children	School attendance	Amount children working
DHFC-2	Middle	-	-	-	-	-	-	-	=	+	=
DHMC-4	Middle	-	-	-	-	-	-	-	=	=	=
DHMC-5	Middle	=	-	+	+	+	+	-	+	+	+
DHMC-6	Middle	+	+	+	+	+	+	+	=	=	=
DHFC-7	Middle	+	+	-	+	-	-	-	+	+	+
DHMC-11	Middle	=	=	+	+	=	-	+	+	+	-
DHFC-3	Middle	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+

Essa análise inicial fornece um perfil útil da amostra e da experiência de mudança dessa amostra, mas não revela nada sobre os processos causais subjacentes às mudanças observadas. Para consegui-lo, a análise do QuIP envolve a codificação de segmentos dos dados narrativos que fazem afirmações causais (por exemplo, "X causou Y" ou "Y aconteceu por causa de X e Z").

A análise de texto do QuIP baseia-se em duas abordagens bem estabelecidas das ciências sociais: análise de dados qualitativa e mapeamento causal; codificar e resumir os dados "dedutivamente", utilizando temas predeterminados, ou mais "indutivamente", identificando repetições e padrões – e utilizando essa codificação para construir mapas causais. A codificação do QuIP também envolve tarefas estruturadas de forma mais rígida, o que o distingue de formas mais fluídas de fazer a análise temática em pesquisa social. Recomendamos que sejam codificados apenas segmentos dos dados que façam afirmações causais (por exemplo, "X causou Y" ou "Y aconteceu por causa de X e Z") e que seja utilizada essa codificação para sinalizar:

- **motivadores de mudança/influências** – com base na classificação indutiva das razões subjacentes a qualquer mudança ou resultado;
- **resultados/consequências** – também com base na classificação indutiva e permitindo a classificação de conjuntos de ligação de motivadores a resultados sem limites; um motivador que conduz a um resultado, que por sua vez motiva outro resultado, ou um motivador que conduz a vários resultados simultaneamente

- uma afirmação de **atribuição** – codificação dedutiva baseada na sua teoria da mudança (a menos que seu estudo seja puramente exploratório); em que medida o motivador da mudança na história corrobora ou desafia implicitamente a teoria da mudança, ou é circunstancial, mas potencialmente significativo?

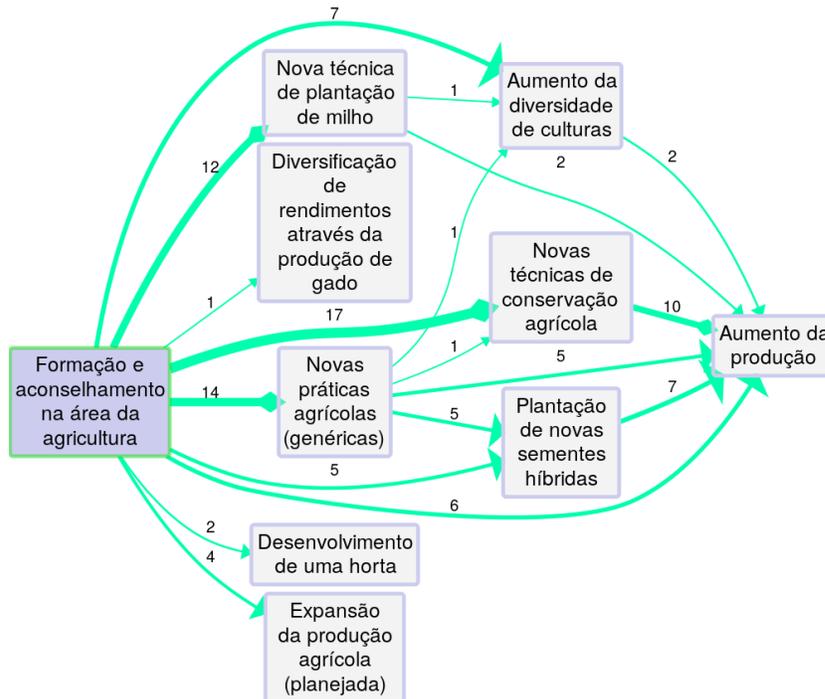
Essa abordagem à codificação permite a análise das experiências relatadas pelos entrevistados e da forma como diferentes motivadores podem ter interagido para mitigar ou ajudar a conseguir a mudança desejada. Ao contrário dos pesquisadores em campo, os analistas de dados do QuIP precisam ser totalmente informados dos detalhes do projeto, a fim de codificar a atribuição. Têm como tarefa avaliar a forma como os dados se relacionam com a teoria da mudança do projeto em função de os entrevistados (a) atribuírem **explicitamente** o impacto às atividades do projeto, (b) fazerem declarações que são **implicitamente** coerentes com a teoria da mudança do projeto, (c) fazerem referência a motivadores de mudança que são **circunstancial** nas atividades do projeto. As declarações também podem ser codificadas em função de os entrevistados descreverem os efeitos como positivos ou negativos.

Estão disponíveis no mercado vários pacotes de software de análise qualitativa, e até o Excel pode, por vezes, fazer o que é necessário, mas a ênfase do QuIP nas conexões causais levou a BSDR a investir na criação de um software ([www.causalmap.app](http://www.causalmap.app)) que facilita a codificação da causa e do efeito em histórias de mudança, com geração automática de mapas à medida que a codificação vai sendo feita. Os analistas destacam citações dentro das narrativas e, para cada citação, identificam um par de fatores causais: a causa e o efeito. À medida que o analista continua a identificar afirmações causais dentro das narrativas, vai reutilizando os fatores existentes mencionados pelo mesmo entrevistado ou por outros entrevistados. Dessa forma, pode ser construído um mapa causal que mostra todas as ligações entre todos os fatores causais. O resultado pode ser uma rede ou um mapa rico, com muitas centenas de fatores e ligações causais, que resume as histórias contadas por todos os entrevistados. Esse mapa pode então ser agregado e filtrado para mostrar aspectos particulares das histórias e permitir ver de que forma é que podem diferir as histórias de entrevistados com características diferentes.

As visualizações e cálculos do aplicativo **Causal Map** podem ajudar a responder a perguntas como:

1. Existem evidências de que o programa está tendo o efeito esperado nos beneficiários visados e, em caso afirmativo, *quantas* evidências existem?
2. Houve outros fatores que afetaram os resultados esperados e, em caso afirmativo, quantas evidências existem?
3. O programa teve algum efeito inesperado, positivo ou negativo?
4. Que motivadores de mudança, ou padrões que possam informar a concepção de futuros programas, foi possível identificar?
5. Existem diferenças significativas entre os mapas quando analisados em função de diferentes grupos etários, gênero, etc.?

**Exemplo de mapa causal com apresentação dos resultados associados a um motivador (com totais de citações incluídos)**



Nas análises do QuIP, as posições dos entrevistados estão sempre na frente e no centro: todas as conexões causais codificadas estabelecem uma ligação transparente com o texto original, para que qualquer pessoa que pergunte "de onde veio essa ligação?" possa ler as palavras originais do entrevistado. Um dos objetivos dos relatórios do QuIP é encorajar o leitor a envolver-se nas declarações originais dos entrevistados e a lê-las no seu contexto.

**Exemplo de citações geradas automaticamente associadas a um mapa causal ou a uma consulta específica**

From: (HN) Improved hygiene practices [P], To: (E) Reduction in mosquito breeding environments [P], 1 mentions

Such practices include use of the pit latrine which is covered after use, washing hands after visiting the toilet and before eating or handling any food, washing hands after changing baby nappies and keeping the household and its surroundings clean to avoid the breeding of mosquitoes which cause malaria [Source: mjf-7]

From: (HN) Increased WASH knowledge, To: (HN) Improved hygiene practices [P], 1 mentions

They have adopted hygienic practices at the household to avoid contamination which may lead to disease outbreak. Organisation X has been promoting hygienic practices among the beneficiaries of their interventions since last year. Such practices include use of the pit latrine which is covered after use, washing hands after visiting the toilet and before eating or handling any food, washing hands after changing baby nappies and keeping the household and its surroundings clean to avoid the breeding of mosquitoes which cause malaria. Before Organisation X introduced their interventions, the family used to access information regarding sanitation and hygiene from the Health Surveillance Assistant who is a government agent whose job is to promote public health awareness in the community among other duties. However, Organisation X are doing it intensively and are able to visit each household of the beneficiary to see for themselves if people really put into practice whatever they are taught to do to improve on household hygiene. [Source: mjf-7]

Os dados resultantes da consulta e da análise dos mapas causais podem ter um efeito muito poderoso e ser utilizados para gerar outras tabelas e visualizações.

## **B8. Utilização dos dados e da análise do QuIP**

A análise de dados descrita acima pode ser adaptada e levada mais adiante de várias maneiras. As tabelas e os mapas de resumo são normalmente incorporados em um relatório escrito que também extrai citações dos dados narrativos da fonte para ilustrar e comentar as principais conclusões. No entanto, o uso de conclusões não tem que se basear na produção escrita. Por exemplo, se uma equipe treinada pertencente à organização que fez a encomenda fizer a codificação, a aprendizagem interna começa antes ainda de a análise terminar. Podem também ser utilizados painéis interativos para estruturar reuniões de feedback com a equipe do projeto, os vários entrevistados e outras partes interessadas.

São os próprios entrevistados que indicam à análise do QuIP os resultados que são importantes. Por isso, é lógico envolver os entrevistados em workshops de triangulação e permitir-lhes que desafiem, corroborem e complementem os resultados. Isso desempenha uma função de garantia da qualidade e simultaneamente aprofunda a compreensão das mudanças que ocorreram, quem foi afetado por elas, como e porquê.

As principais perguntas interpretativas são:

- Em que medida as conclusões são coerentes tanto com os mecanismos de transmissão quanto com os resultados desejados estabelecidos na teoria da mudança?
- Que evidências de processos e resultados geradas não são coerentes com a teoria da mudança original, e como pode isso ser explicado?
- Que margem existe para generalizar razoavelmente as conclusões a todo o projeto, levando em consideração as características de toda a amostra de beneficiários visados e da amostra dos entrevistados?
- O que explica as diferenças no nível dos processos e resultados do projeto desejados e observados e quais são as implicações para as atividades futuras?
- Os dados são coerentes ou não correspondem aos dados de monitoramento quantitativos, bem como aos dados recolhidos junto de outras fontes (incluindo reuniões com a equipe do projeto)? Qual é a melhor forma de interpretar as diferenças e as semelhanças?

Deve ser colocado à disposição do encarregado um relatório com tabelas de resumo nucleares e outras visualizações de dados que destaquem os padrões mais interessantes nos dados, com as transcrições codificadas anexas (e o painel de dados, quando relevante) para que seja mais fácil encontrar os dados originais. Isso garante que todos os dados se encontrem disponíveis, e não apenas as citações extraídas selecionadas pelo avaliador, e que exista uma razão clara para os extratos terem sido selecionados.

Uma vez feita a análise (e se existirem poucas probabilidades de pedir à equipe de pesquisa para participar de outros estudos em ocultação), uma fase final de grande impacto em qualquer estudo QuIP é organizar uma ou mais triangulações integralmente sem ocultação ou workshops de "sensemaking" que envolvam a equipe do projeto, a equipe de pesquisa, os entrevistados e outras partes interessadas relevantes. Isso garante maior transparência e permite que os pesquisadores apresentem sua interpretação das conclusões, com base no que escreveram, nas suas observações diretas em campo e em uma experiência mais ampla. As discussões que ocorrerem

nesses workshops podem ser úteis para colocar as conclusões do QuIP em um contexto mais amplo e começar a formular recomendações internas para ações práticas.

Conclusões negativas ou inesperadas podem ser uma fonte de tensão interna, e alguns colaboradores ou partes interessadas podem preferir vê-las ocultadas ou ignoradas sem que seja feita uma reflexão adequada (uma questão que também pode surgir na discussão de relatórios preliminares). Essas tensões podem ser vistas como obstáculos para a conclusão dos estudos, com exigências não planejadas e injustificadas em termos de tempo e recursos, mas também podem ser excelentes oportunidades de aprendizagem.

Uma iniciativa alternativa de acompanhamento pode ser os encarregados relatarem conclusões anonimizadas aos entrevistados do estudo através de um ou mais grupos-alvo. Dispõe-se assim de uma oportunidade para agradecer aos entrevistados por terem participado e para explorar a forma como interpretam as conclusões em mais detalhes. Conclusões incertas e perguntas específicas que não obtiveram resposta nas entrevistas originais podem ser exploradas de forma mais aprofundada, podendo também ser discutida a possibilidade de realizar o seguimento das atividades do projeto.